

Fiódor Pietróvitch, diretor das escolas públicas do governo de N, e que se considerava um homem justo e bondoso, recebeu certo dia, em seu gabinete, o professor Vrîmienski.

— Não, senhor Vrîmienski, — disse ele — a exoneração é inevitável. Não se pode continuar lecionando com uma voz como a sua. Mas, como foi que a perdeu?

— Estava suado e bebi cerveja gelada... — ciciou o professor.

— Que pena! Ter prestado serviços durante quatorze anos e, de repente, acontecer-lhe uma desgraça dessas! Imagine, diabos, estragar a carreira por causa de uma bobagem! Que pretende fazer agora?

O professor não respondeu.

— Tem família? — perguntou o diretor.

— Mulher e dois filhos, Vossa Excelência... — ciciou o professor.

Seguiu-se um silêncio. O diretor ergueu-se da mesa e caminhou, perturbado, de um canto a outro da sala.

— Não consigo imaginar o que possa fazer com o senhor! — disse ele. — Não pode mais ser professor, mas não serviu o bastante para aposentar-se com vencimentos... ao mesmo tempo, não é muito certo deixá-lo partir assim, entregue a seu próprio destino. O senhor, para nós, é pessoa da casa, serviu durante quatorze anos, quer dizer que nos compete prestar-lhe uma ajuda... Mas, ajudar como? Que posso fazer pelo senhor? Ponha-se na minha situação: que posso fazer pelo senhor?

Seguiu-se novo silêncio. O diretor caminhava pela sala,

pensativo o tempo todo, e Vrîmienski, esmagado por seu infortúnio, permanecia sentado na beiradinha da cadeira, pensativo também. De repente, resplandeceu o rosto do diretor e ele até estalou os dedos.

— Admiro-me de não ter lembrado isso há mais tempo! — disse apressado. — Escute, veja o que lhe posso oferecer... Na semana que vem, aposenta-se o escriptorário de nosso asilo. Querendo, pode ocupar a vaga! Aí está!

O rosto de Vrîmienski, que não esperava tal ato de magnanimidade, resplandeceu também.

— É magnífico — disse o diretor. — Escreva hoje mesmo um requerimento...

Depois que Vrîmienski saiu, Fiódor Pietróvitch sentiu um alívio e, mesmo, certo prazer: diante dele, não estava mais o vulto curvado do pedagogo ciciante, e era agradável reconhecer que, tendo oferecido aquela vaga a Vrîmienski, agira com justiça e de acordo com a consciência, como um homem bondoso e absolutamente correto. Mas, não durou muito aquela boa disposição. Ao voltar para casa e sentar-se para jantar, sua mulher, Nastássia Ivánovna, lembrou-se, de repente:

— Ah, sim, eu ia esquecendo! Ontem, veio ver-me Nina Sierguéievna, que pediu proteção para certo jovem. Dizem que vai haver uma vaga no asilo...

— Sim, mas o lugar já está prometido a outra pessoa — disse o diretor, franzindo o sobrolho. — E você conhece minha norma: nunca dou empregos por recomendação.

— Sei, mas penso que se pode fazer uma exceção a favor de Nina Sierguéievna. Ela gosta de nós como se fôssemos parentes e, até hoje, não fizemos nada por ela. Nem pense em recusar isto, Fiédia! Com esses caprichos, você vai ofendê-la e a mim também.

— E quem é que ela recomenda?

— Polzukhin!

¹ De *polziti*, arrastar-se.

— Que Polzúkhin? Aquê que, na noite de Ano Bom, representou, numa reunião social, o papel de Tchátzki? Aquê *gentleman*? Por nada deste mundo!

O diretor parou de comer.

— Por nada deste mundo! — repetiu. — Que Deus me livre e guarde!

— Mas, por quê?

— Compreenda, mãezinha, que, se um jovem age por intermédio de mulheres, em vez de fazê-lo diretamente, só pode ser boa busca! Por que não veio em pessoa falar comigo?

Depois do jantar, o diretor deitou-se no sofá de seu escritório e pôs-se a ler jornais e cartas recém-chegadas.

“Meu caro Fiódor Pietróvitch!”, escrevia-lhe a mulher do prefeito. “Certa vez, o senhor me disse que sou uma co-nhecêdora dos corações humanos. Chegou a ocasião de com-prová-lo na prática. Por esses dias, irá pedir-lhe a vaga de escriturário em nosso asilo um certo C. N. Polzúkhin, que eu conheço como um jovem excelente. O rapaz é muito simpá-tico. Interessando-se por ele, o senhor se convencerá...” etc.

— Por nada deste mundo! — exclamou o diretor. — Que Deus me livre e guarde!

Depois disso, não passava um dia sem que recebesse car-tas, recomendando Polzúkhin. Certa manhã, apareceu o pró-prio Polzúkhin, jovem corpulento, com rosto escanhoado de jóquei e trajando roupa negra nova...

— Trato de assuntos de serviço não aqui, mas na repar-tição — disse o diretor secamente, depois de ouvir seu pedido.

— Desculpe, Vossa Excelência, mas nossos conhecidos comuns aconselharam-me a visitá-lo aqui.

— Hum!... — mugiu o diretor, olhando com ódio para os sapatos de bico fino do rapaz. — Que eu saiba, seu pai dis-põe de recursos e o senhor não precisa ganhar dinheiro. Para que vem, então, pedir essa vaga? O ordenado é insignificante!

² Personagem da peça de Griboiedov, *A desgraça de ter espírito*.

— Não é pelo ordenado que eu quero o lugar, mas as-sim... Apesar de tudo, é um emprego público...

— Assim... Parece-me que o senhor vai enjoar do em-prego dentro de um mês e abandoná-lo, mas, ao mesmo tem-po, há candidatos a quem essa vaga representa uma carreira para toda a vida. Há gente pobre, para a qual...

— Não enjoarei dele, Vossa Excelência! — interrompeu-o Polzúkhin. — Palavra de honra que vou me esforçar!

O diretor explodiu.

— Escute, — perguntou ele, com um sorriso de desdém — por que não me procurou diretamente, mas achou neces-sário incomodar previamente as senhoras?

— Não sabia que isto lhe seria desagradável — respon-deu Polzúkhin, encabulado. — Mas, Vossa Excelência, se o senhor não dá importância às cartas de recomendação, posso apresentar-lhe atestados...

Tirou do bolso um papel e passou-o ao diretor. Sob o atestado, escrito em estilo e com letra oficiais, havia a assi-natura do governador. Tudo parecia indicar que este assina-ura o papel sem ler, somente para se livrar de alguma senhora insistente.

— Nada me resta fazer, submeto-me... obedeço... — dis-se o diretor, depois de ler o atestado, e emitiu um suspiro. — Encaminhe amanhã o requerimento... Nada a fazer...

Depois que Polzúkhin saiu, o diretor entregou-se com-pletamente a um sentimento de repugnância.

— Que busca! — ciciou, caminhando de um canto para outro. — Conseguiu o que queria, este infame galo de salão, adúlador de mulheres! Torpe criatura!

O diretor cuspiu ruidosamente para a porta, atrás da qual havia sumido Polzúkhin e, de repente, ficou encabulado, pois, naquele instante, estava entrando em seu gabinete uma senho-ra, mulher do coletor...

— Eu venho por um instante, um instantinho apenas... — começou a senhora. — Sente-se, compadre, e ouça-me com

atenção... Bem, dizem que o senhor tem uma vaga... Hoje ou amanhã, virá vê-lo um jovem, um certo Polzúkhin...

A senhora ficou gorjeando, enquanto o diretor dirigia-lhe olhares turvos e apagados, como alguém em vias de des-maiair; olhava-a e sorria, como ordena a boa educação.

No dia seguinte, recebendo na repartição Vrtêmienski, o diretor ficou por muito tempo sem se atrever a dizer-lhe a verdade. Procurava as palavras, confundia-se e não encontrava meio de começar a falar, não sabia o que dizer. Apesar da vontade de pedir desculpas ao professor e contar-lhe toda a verdade, tinha presa a língua, como se estivesse embriagado, ardiam-lhe as orelhas e, de repente, sentiu ofensa e despeito por ser obrigado a desempenhar um papel tão absurdo, em sua própria repartição, diante de seus subordinados. Subita-mente, deu um soco na mesa, levantou-se de um salto e gri-tou zangado:

— Não tenho vaga para o senhor! Não e não! Deixe-me em paz! Não me atormente! Deixe-me, afinal, faça-me o favor! E saiu do gabinete.

TCHÉKHOV, A. P. A dama do
cachorrinho. São Paulo, Editora
34, 1999, p. 139-143.